



Boletim Técnico n.º 3

CONTRIBUIÇÃO AO MAPEAMENTO
DA VEGETAÇÃO DA REGIÃO CACAUEIRA
DA BAHIA (Área-Teste de Castelo Novo
Município de Ilhéus)

L. G. Azevedo

Boletim Técnico nº 3

CONTRIBUIÇÃO AO MAPEAMENTO
DA VEGETAÇÃO DA REGIÃO CACAUEIRA
DA BAHIA (Área-Teste de Castelo Novo,
Município de Ilhéus)

L. G. Azevedo

COMISSÃO EXECUTIVA DO PLANO DE
RECUPERAÇÃO ECONÔMICO-RURAL DA
LAVOURA CACAUEIRA - CEPLAC

Ministro da Fazenda

Antônio Delfim Netto, Presidente

Secretário Geral da CEPLAC

José Haroldo Castro Vieira

Superintendente Técnico

Paulo de Tarso Alvim

Superintendente Administrativo

Roberto Midlej

Diretor do Centro de Pesquisas do Cacau

Paulo de Tarso Alvim

Chefe da Divisão de Comunicação

Jorge O. A. Moreno

Editor Principal

Luís Carlos Cruz, IICA - CEPLAC

Publicação do Centro de Pesquisas do Cacau

ITABUNA - BAHIA - BRASIL

NOVEMBRO - 1970

CONTEÚDO

Introdução	1
Objetivos	3
Material e Métodos	4
Resultados	8
Conclusões e Discussão	11
Agradecimentos	13
Literatura Citada	14

CONTRIBUIÇÃO AO MAPEAMENTO
DA VEGETAÇÃO DA REGIÃO CACAUEIRA
DA BAHIA (Área-Teste de Castelo Nôvo,
Município de Ilhéus)

L. G. Azevedo*

Num programa de trabalho que tenha como objetivo o mapeamento da vegetação em escala geográfica e que utilize, como principal instrumento de trabalho, a fotografia aérea, a elaboração de cartas a grande escala deve preceder ao trabalho de síntese cartográfica (13). No Brasil, em particular, tal procedimento é indispensável em virtude da necessidade de aferir os critérios a adotar na elaboração das chaves de fotointerpretação (1 e 6).

O conhecimento da cobertura vegetal da área-teste selecionada, contribuiria não só para o conhecimento da fisionomia, estrutura e condições ecológicas de uma área de particular interesse na Região Cacaueira em virtude da ocorrência, aí, de rochas cretácicas (7), bem como para o levantamento de dados a utilizar no aproveitamento dos solos orgâni-

* Biologista do Instituto de Botânica da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, colocado à disposição do Centro de Pesquisas do Cacau para coordenar o programa de mapeamento da vegetação da Região Cacaueira Baiana.

cos que ocorrem na área do Brejo do Itariri e que são encarados com otimismo, do ponto de vista de seu potencial agrícola, pelos especialistas em fertilidade do solo.

À vista dessas considerações, julgamos oportuno que esse trabalho se estendesse além da área do "brejo" para atingir toda a região a leste de Castelo Novo até Sambaituba e ao norte chegasse à Lagoa de Itaípe e seus arredores, bem como que seus limites sul e oeste correspondessem, grosseiramente, ao traçado da rodovia que liga Ilhéus a Uruçuca (*Figura 1*). O interesse fundamental se ligava ao fato de que havia a possibilidade de existência de uma grande variação quanto à distribuição da vegetação espontânea e ao uso do solo em consequência da diversidade litológica e das condições pedológicas da área em questão. Tais condições provocariam o aparecimento de um grande número de estruturas e fisionomias diferentes de vegetação, o que seria de grande interesse dentro de nosso programa de trabalho, uma vez que isso conduziria à oportunidade de aferir os critérios a adotar na confecção das chaves de fotointerpretação para a vegetação de uma área bastante ampla da região cacauêira.

Em trabalho visando levantar informações para pesquisas sobre a febre amarela silvestre na região, Veloso apresenta dois mapas que mostram a distribuição das principais associações vegetais aí encontradas e esclarece sobre a sua composição florística (17). Esses dados serão utilizados em uma etapa posterior do programa de mapeamento da vegetação regional.

A escala escolhida para a apresentação

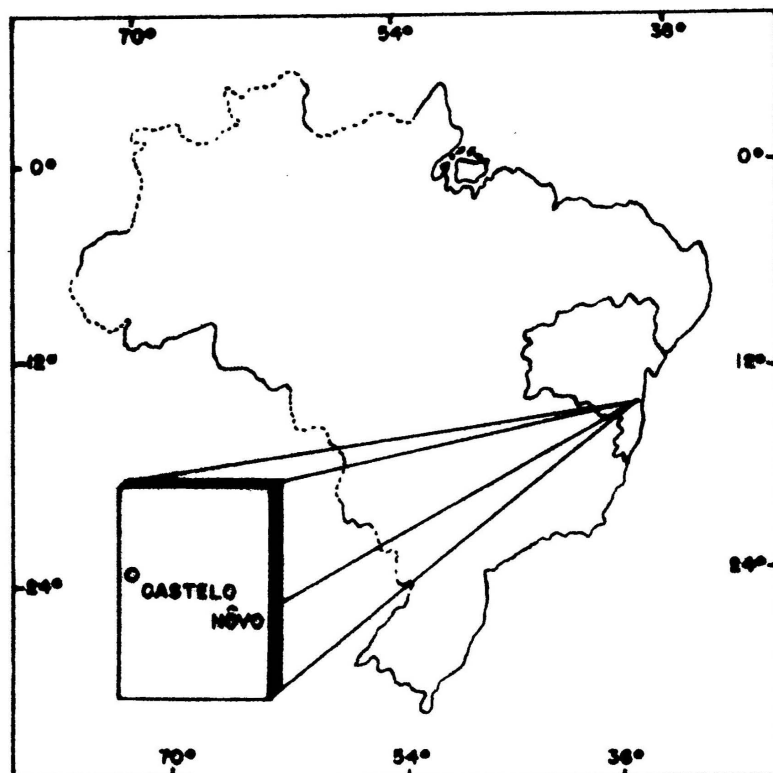


Figura 1 - Localização da área cartografada.

dos resultados foi a de 1:75.000, escala capaz de ser convenientemente utilizada na elaboração da carta final dos trabalhos de mapeamento e que deverá ser a de 1:100.000.

OBJETIVOS

Com essas características, esse trabalho poderia contribuir para que fossem atingidos os seguintes propósitos:

1. Permitir a identificação de um dos padrões aerofotográficos da Região Cacaueira constatados anteriormente em foto-índice na escala 1:100.000.

2. Estabelecer e aferir critérios de fotointerpretação visando ao mapeamento sistemático da vegetação da Região Cacaueira Baiana.

3. Identificar as diferentes comunidades vegetais que ocorrem na área estudada.

4. Levantar informações sôbre as correlações porventura existentes entre a distribuição das comunidades vegetais e tipos de solo e seu uso e os fatores do meio.

Essas informações conduziriam à definição dos ecossistemas que entram na composição do quadro fitogeográfico regional e seria da maior importância no programa de mapeamento a desenvolver.

Em trabalho anterior foi sugerida (6) a divulgação de resultados preliminares em grande escala, tendo em vista a necessidade de proporcionar o conhecimento da fisionomia e da estrutura da vegetação de áreas ainda mal estudadas do território brasileiro. Ao mesmo tempo, tal procedimento permitiria a antecipação desse conhecimento, à vista de dificuldades previstas para a publicação do trabalho de síntese o qual deverá corresponder à divulgação da "Carta da Vegetação e Condições Ecológicas da Região Cacaueira Baiana", na escala 1:100.000 (5).

MATERIAL E MÉTODOS

O material utilizado compreendeu uma coleção de cinquenta fotografias aéreas na escala aproximada de 1:25.000 da "Cobertura Aerofotogramétrica da Região Cacaueira do Estado da Bahia" executada por Geofoto S.A. Essas fotografias foram obtidas com o uso de câmara cartográfica Fairchild ($f = 152,67\text{mm}$). A altura de vôo sôbre o nível médio do terreno foi de 3.852m, executado em tórno das nove horas e em junho de 1964.

A localização das fotografias foi feita com auxílio de um foto-índice daquela cobertura (escala aproximada 1:100.000) e de mosaicos (escala aproximada 1:25.000).

No trabalho de fotointerpretação foi utilizado o estereoscópio de bolso mod. D.F. Vasconcellos EB-M1, com capacidade de aumento igual a 2,2 x e a transposição dos dados resultantes da fotointerpretação para o mapa básico foi feita diretamente com uso do compasso de redução Kern, tendo em vista resultados obtidos em trabalho anteriormente realizado (6). Como base cartográfica foi utilizado um mapa na escala 1:50.000, resultante da redução da restituição planimétrica daquelas fotografias sobre plástico Ultraphan com 0,10mm de espessura. O uso dessa base, embora de valor cartográfico relativo, se impõe pela falta absoluta de mapa básico em escala adequada para esse tipo de trabalho.

A metodologia empregada na identificação da fisionomia e estrutura da vegetação foi a mesma utilizada em trabalho anterior (6). A definição das unidades de mapeamento resultou:

1. Da introdução de critérios ambientais e estacionais nas chaves de fotointerpretação da fisionomia e estrutura da vegetação regional, conforme foi proposto em trabalho anterior (6).

2. Das observações de campo realizadas durante uma excursão de reconhecimento e duas de controle de campo.

3. Da confecção de um esboço geomorfológico elaborado a partir da fotointerpretação da área.

4. Da compilação dos dados geológicos (7) e pedológicos (16) da região.

O controle de campo foi feito durante excursões realizadas nos dias 20 e 22 de novembro de 1967 e 14 de fevereiro de 1968 (*Figura 2*).

O sistema adotado para expressar cartograficamente os resultados obtidos segue, em linhas gerais, o da escola francesa de cartografia da vegetação (10 e 11) e as recomendações do "Colóquio sobre Métodos de Cartografia da Vegetação" (8) com as indispensáveis adaptações às condições brasileiras, de acordo com a experiência obtida em trabalhos anteriores e realizados em outras áreas do território nacional (3 e 4).

Deve ser ressaltado que, na definição das cores que procuram expressar a síntese das condições ecológicas (em escala geográfica) da área estudada, foram considerados os seguintes fatores: bioclima regional, natureza, capacidade de retenção d'água e teor em sílica e em cloretos dos solos (salinidade).

O exame do *Quadro 1* permite que se possa compreender os critérios adotados para a escolha daquelas cores e "o balanço" efetuado de modo a separar cada ecossistema segundo o fator ecológico de maior importância na sua caracterização.

Também de acordo com aquele sistema, foi

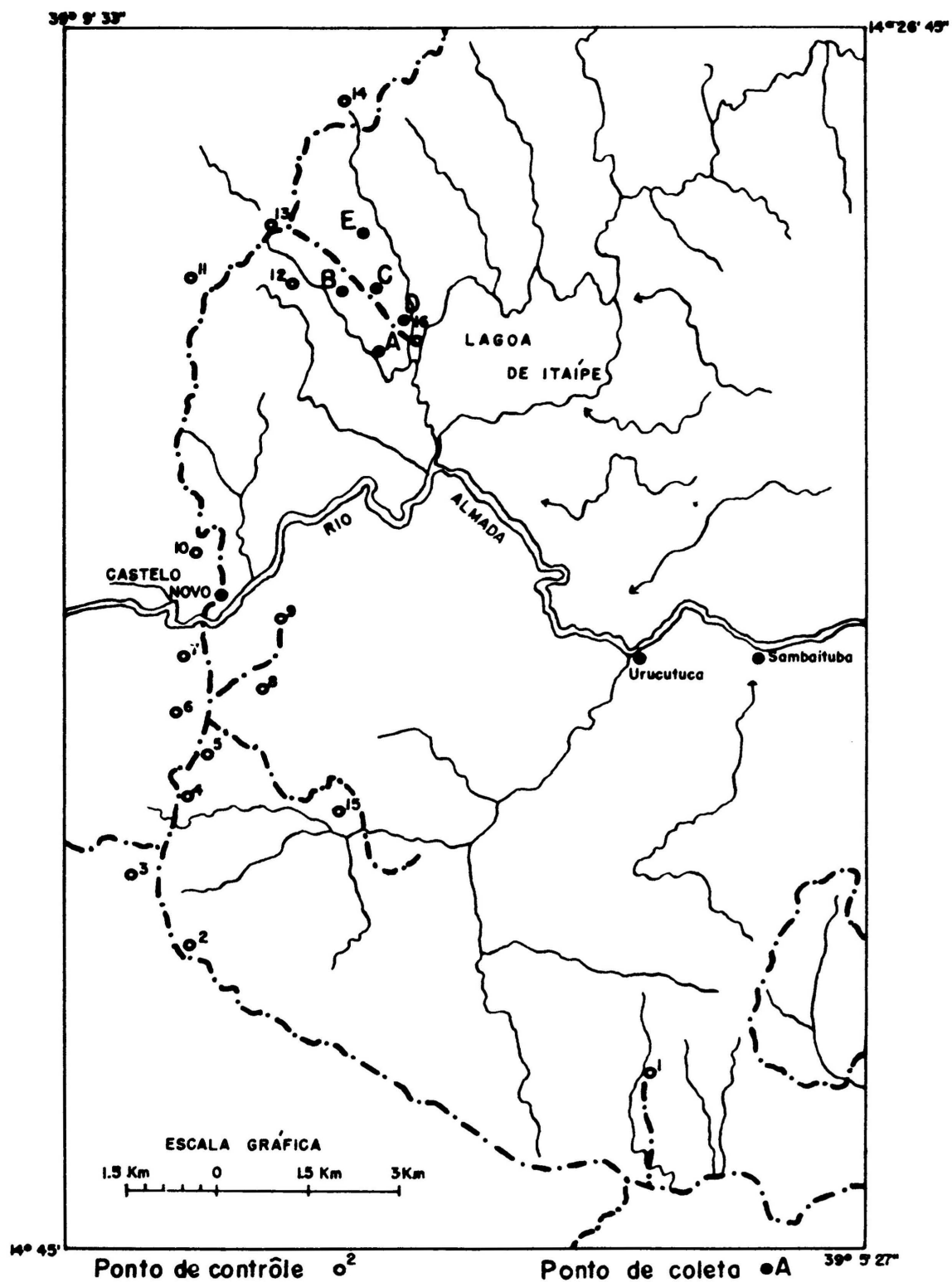


Figura 2 - Excursões de controle de campo e coleta de material botânico.

adotada a representação em faixas paralelas, sempre que a escala do mapa era incompatível com a realidade. Assim, quando numa determinada área existia uma combinação de áreas cultivadas (cacau, côco, culturas anuais de subsistência) com áreas florestais, capoeiras e pastagens, cobrindo cada uma dessas unidades uma área que não podia ser individualmente representada, recorreu-se à apresentação em faixas paralelas que expressam a combinação daquelas unidades sob a forma de um "mosaico" e o aparecimento de uma paisagem bastante diversificada.

Em cooperação com o Setor de Taxonomia da Divisão de Botânica, foi coletado material botânico correspondente a mais de 50 espécies cuja distribuição na área estudada e outras informações podem ser obtidas no *Quadro 2* anexo.

RESULTADOS

A aplicação da metodologia indicada resultou na elaboração do mapa anexo cujo exame revela que:

1. Na área considerada ocorrem três tipos de estrutura da vegetação: a herbácea, a arbustiva e a arbórea.

2. Essas estruturas se combinam, dando origem a 14 diferentes comunidades vegetais espontâneas.

3. Essas comunidades se distribuem segundo quatro grandes unidades ecológicas ou ecossistemas: o da floresta, o do brejo, o da restinga e o da Várzea.

Quadro 1 - Ecossistemas e seus fâcies - Balanço Ecológico.

ECOSSISTEMAS E SEUS FÂCIES	BIOCLIMA REGIONAL	S O L O S			CÔR RESULTANTE	UNIDADE DE SOLO EM QUE OCORREM
		Capacidade de retenção d'água	Teor em argila	Salinidade (teor em cloretos)		
I - FÂCIES EDÁFICOS						
I.1 - Floresta perenifólia higrófila fâcies CEPEC	Equatorial marítim o com temperatu- ra do mês mais frio 20°C. Umidade relativa 85%. Sem esta- ção seca	alta	alto	nula	azul cobal- to intenso	CEPEC, ITABUNA, VARGITO, (eutró- fico e distrófi- co), VALENÇA
I.2 - Floresta perenifólia higrófila fâcies COLÔNIA	"	baixa	médio	nula	azul cobal- to intenso + azul se- da = azul cobalto fraco	COLÔNIA, ÁGUA SUMIDA, NAZARÉ
I.3 - Floresta perenifólia higrófila fâcies CURURUPE	"	muito baixa	baixo	nula	verde vero- nese	CURURUPE
I.4 - Floresta subcaduci- fólia esclerófila li- torânea (Restinga)	"	nula	nulo	alta	laranja	AREIAS QUARTZO- SAS MARINHAS

Quadro 1 - Continuação...

II - FÁCIES TOPOGRÁFICOS						
II.1 - Floresta perenifó- lia paludosa conti- nental (Brejo)	"	(perfil sa- turado em água	médio	muito baixa	azul da Prússia	ORGÂNICOS
II.2 - Floresta perenifó- lia higrófila ribei- rinha (Várzea)	"	média	médio	nula	azul ultra marino	ALUVIAIS

Bioclíma equatorial: azul (umidade elevada)

Teor em argila: alto = branco
médio = amarelo claro
baixo = amarelo forte

Capacidade de retenção d'água: alta = azul cobalto intenso
média = " " médio
baixa = " " fraco

Salinidade (teor em cloretos): alta = vermelho
média = rosa
baixo = branco

4. No ecossistema da floresta foram identificados três fácies edáficos correspondendo às unidades de solos CEPEC, COLÔNIA e CURURUPE e dois fácies topográficos: a floresta paludosa continental (Brejo) e a floresta higrófila ribeirinha (Várzea).

5. O fácies CEPEC corresponde à floresta higrófila encontrada sobre as unidades CEPEC, ITABUNA, VARGITO (EUTRÓFICO e DISTRÓFICO) e VALENÇA, o fácies COLÔNIA, à floresta higrófila que ocorre nas unidades COLÔNIA, ÁGUA SUMIDA e NAZARÉ e o fácies CURURUPE, a unidade CURURUPE.

6. A presença de cinco unidades de vegetação introduzida, as quais expressam as principais características do uso do solo na área cartografada, bem como que na área correspondente ao ecossistema da floresta, o impacto da ação do Homem é mais intenso que nos da "Restinga" e no do "Brejo".

CONCLUSÕES E DISCUSSÃO

1. O controle de campo demonstra que a metodologia adotada permitiu identificar não só a fisionomia e a estrutura da vegetação, como separar e cartografar os quatro ecossistemas que compõem o quadro fitogeográfico regional.

2. As condições pedológicas e topográficas são as mais importantes na separação desses ecossistemas.

3. Existe uma correlação estreita entre a distribuição dos ecossistemas identifica-

dos e o uso do solo, isto é, que, enquanto o ecossistema da Floresta Higrófila e seus fácies são mais intensamente explorados, os da Floresta Esclerófila Litorânea (Restinga) e da Floresta Paludosa Continental (Brejo), não constituem, até o momento, um grande atrativo para seu aproveitamento econômico.

Por outro lado, atingindo seu objetivo, o trabalho aqui apresentado abre perspectivas no que diz respeito à metodologia a adotar num programa de mapeamento da vegetação e das condições ecológicas da região cacaueira. Nesse particular, tudo sugere que esse mapeamento deve se expandir de áreas-testes, como a que foi aqui analisada, para buscar as diferenciações indicadoras das condições ecológicas correspondentes a três zonas econômicas, que se dispõem paralelamente ao litoral e se caracterizam pela cultura de côco e do extrativismo vegetal - agora complementada pela implantação da cultura da seringueira - pela cultura cacaueira e pela criação de gado (9).

As vantagens de se contar com uma carta da vegetação, quando se tem em vista não só o levantamento de informações nos campos da Botânica, da Ecologia vegetal e da Fitogeografia, mas também em outros ramos da atividade humana, em particular da Agricultura, já foram suficientemente assinaladas (10, 12, 14 e 15). Ressaltam essas vantagens quando a entidade interessada se propõe a um programa de desenvolvimento regional com base na economia agrícola. Nesse particular, a elaboração de mapas de vegetação com as características do trabalho aqui apresentado será das mais vantajosas para a região cacaueira, considerando-se não só a programação de trabalho da CEPLAC mas à vista do que

se pode obter de uma documentação dessa natureza (2).

Outrossim, a constatação da presença dos três tipos de estrutura indicados no mapa anexo, bem como a identificação dos ecossistemas, pode contribuir num trabalho que objetive o conhecimento do dinamismo das comunidades vegetais segundo o ambiente natural em que essas comunidades estejam localizadas. Esse trabalho, de especial interesse no campo da fitossociologia, poderá contribuir, paralelamente, para o levantamento de informações valiosas nos terrenos do planejamento do uso e da conservação do solo.

Informações aplicáveis no campo do planejamento dos trabalhos de drenagem e visando ao aproveitamento das áreas correspondentes ao ecossistema do "Brejo" - onde os estudos pedológicos assim o indicarem - podem também ser obtidas do mapa anexo.

AGRADECIMENTOS

O autor agradece ao Engº Agrº Sergio G. da Vinha, pela coleta e determinação do material botânico e ao Técnico-Agrícola Luiz Alberto M. Silva por sua colaboração no preparo das ilustrações. Ao Desenhista Walter Moreira por sua dedicação e entusiasmo no desenho do original cartográfico.

Esse agradecimento se estende também ao Engº Agrº Luiz Ferreira da Silva pelas sugestões e críticas feitas ao original deste trabalho.

LITERATURA CITADA

1. AZEVEDO, L.G. Contribuição à delimitação dos tipos de vegetação do estado de São Paulo. Região de Campos de Jordão. Arquivo Botânico do Estado de São Paulo (1):11-21. 1965.
2. _____. Carta da vegetação e planejamento. Brasil-Oeste 10 (101):10-13. 1965a.
3. _____. Tipos eco-fisionômicos de vegetação da região de Januária (MG). Anais da Academia Brasileira de Ciências 38 (Suplemento) : 39-57. 1966.
4. _____. Tipos eco-fisionômicos de vegetação do Território Federal do Amapá. Revista Brasileira de Geografia 29 (2):25-51. 1967.
5. _____. Programa de mapeamento da vegetação da região cacaujeira baiana. Comunicação Técnica nº 26. Centro de Pesquisas do Cacau. CEPLAC. Itabuna. Brasil. 1969. 12 p.
6. _____ e PINTO, J.V. Contribuição à metodologia do mapeamento da vegetação do Brasil. I-Fotointerpretação e estrutura da vegetação. Fôlha "Corredeira da Escaramuça", S.P. Revista Brasileira de Geografia 30 (3):3-10. 1968.
7. CARVALHO, K.W.B. Geologia da bacia sedimentar do rio Almada. Trabalho apresentado ao XVIII Congresso Brasileiro de Geologia. Poços de Caldas. 1964. (Datilografado).

8. COLLOQUES INTERNATIONAUX DU C.N.R.S. Méthodes de la Cartographie de la Végétation. Toulouse. 16-21 Mai, 1960. Paris, C.N.R.S., 1961. pp. 311-320.
9. DOMINGUES, A.J.P. e KELLER E.C.S. Bahia. Guia da Excursão nº 6. XVIII Congresso Internacional de Geografia. Rio de Janeiro. Conselho Nacional de Geografia. 1958. 310 p.
10. GAUSSEN, H. Projects pour diverses cartes du monde au 1:1.000.000. La Carte Écologique du Tapis Végétal. Annales Agronomiques (França) 19:78-102. 1949.
11. _____. L'emploi des coulers dans la cartographie de la végétation. Méthode Cartographie Végétation. Colloques Internationaux du C.N.R.S. Paris, C.N.R.S., 1960. pp. 138-145.
12. _____. Les cartes de la végétation a petite échelle. Conference donnée au Palais de la Decouverte, Paris, 16 Dec., 1961. 10 p.
13. REY, P. L'interprétation des photographies aériennes. Bulletin Serv. de la Carte Phytogéographique (Carte de la Végétation au 200.000^e) (França) Sér. A 2(1):5-44, 1957.
14. _____. Les perspectives fondamentales de la cartographie de la végétation. Bulletin Comité Français de Cartographie 14 (Juin) 69-73. 1962.
15. _____. Recherche biogéographique, carte de la végétation et aménagement de l'espace rural. Notes et Documents 6. Service de la Végétation. Toulouse, 1962. 5 p.

16. SILVA, L.F. da e LEÃO, A.C. Aptidão cultural dos solos das bacias inferiores dos rios Almada e Cachoeira (Bahia). In: Conferência Internacional de Pesquisas em Cacau, 2ª. Salvador e Itabuna, Bahia, Brasil, 19-26 de nov., 1967. Memórias. Itabuna, Centro de Pesquisas do Cacau, 1969. pp. 444-450.
17. VELOSO, H. P. A vegetação do município de Ilhéus, Estado da Bahia. I-Estudo sinecológico das áreas de pesquisas sobre a febre amarela silvestre realizado pelo S.E.P.F.A. Memórias. Instituto Oswaldo Cruz (Brasil) 44(1): 14-293. 1946.

Quadro 2 - Material botânico coletado - Distribuição por ecossistema.

ECOSSISTEMA E LOCALIZAÇÃO	ESPÉCIES COLETADAS	NÚMERO DE COLETOR (S.C. da Vinha)	NÚMERO DE HERBÁRIO	PONTO DE COLETA	DATA DE COLETA
FLORESTA PERENIFÓLIA HIGRÓ- FILA FÁCIES CEPEC Cultura sombreada de cacau na zona de contacto do "Brejo" com relevo ondulado da Formação Itaparica (Folhe- ihos com lentes calcárias)	ARACEAE				
	<i>Anthurium gladiifolium</i> Schott.	73	CEPEC 3480	A	14.02.68
	<i>Monstera pertusa</i> De Vriese	64	CEPEC 3502	A	14.02.68
	<i>Philodendron uleanum</i> Engl.	74	CEPEC 3479	A	14.02.68
	<i>Philodendron ochrostemon</i> Schott.	78	CEPEC 3483	A	14.02.68
	<i>Philodendron oxycardium</i> Schott.	77	CEPEC 3478	A	14.02.68
	<i>Syngonium Vellozianum</i> Schott.	72	CEPEC 3481	A	14.02.68
	BROMELIACEAE				
	<i>Aechmea blanchetiana</i> (Bak.) Smith	79	CEPEC 3509	A	14.02.68
	<i>Aechmea lingulata</i> L. B. Smith	66	CEPEC 3507	A	14.02.68
	<i>Vriesea procera</i> Mart.	80	CEPEC 3465	A	14.02.68
	CAPARACEAE				
	<i>Cleome</i> sp.	67	CEPEC 3506	A	14.02.68
	LEGUMINOSAE				
	<i>Mimosa sepiaaria</i> Benth.	84	CEPEC 3457	A	14.02.68
	PIPERACEAE				
	<i>Piper</i> sp.	88	CEPEC 3459	A	15.02.68
	PALMAE				
	<i>Desmoncus</i> sp.	76	CEPEC 3477	A	14.02.68
	PTERIDOFITAE				
	<i>Asplenium serratum</i> L.	95	CEPEC 3474	A	15.02.68

Quadro 2 - Continuação...

Cultura sombreada de cacau	<i>Tectaria incisa</i> Cav.	70	CEPEC 3500	A	14.02.68
	<i>Polypodium geminatum</i> Schrader				
	(epífita em cacaueiro)	71	CEPEC 3503	A	14.02.68
	<i>Nephrolepis</i> sp.	94	CEPEC 3475	A	15.02.68
	ZENGIBERACEAE				
	<i>Costus discolor</i> Roscoe	75	CEPEC 3482	A	14.02.68
	MARANTACEAE				
	<i>Calathea umbrosa</i> Kcke.	89	CEPEC 3476	B	15.02.68
	ARACEAE				
	<i>Anthurium variabili</i> Kunth	82	CEPEC 3470	B	15.02.68
Zona de contacto entre cultura sombreada de cacau e mata sobre arenito da For-	Araceae I	87	CEPEC 3458	B	15.02.68
	Araceae II	91	CEPEC 3462	B	15.02.68
	ELEOCARPACEAE				
	<i>Sloanea alnifolia</i> Mart.	99	CEPEC 3453	B	15.02.68
	MORACEAE				
	<i>Dorstenia</i> sp.	90	CEPEC 3446	B	15.02.68
	ANONACEAE				
	<i>Anona</i> sp.	110	CEPEC 3486	C	16.02.68

Quadro 2 - Continuação...

mação Sergi (arenito conglomerático no topo da Formação)	ARACEAE				
	<i>Anthurium Harrisii</i> Engl.	116	CEPEC 3492	C	16.02.68
	<i>Rhodspatha blanda</i> Schott.	117	CEPEC 3493	C	16.02.68
	<i>Rhodspatha blanda</i> Schott.	115	CEPEC 3491	C	16.02.68
	BROMELIACEAE				
	<i>Vriesea paraibica</i> Wawra.	113	CEPEC 3489	C	16.02.68
	FLACOURTIACEAE				
	<i>Lacistema</i> sp.	97	CEPEC 3452	C	15.02.68
	GESNERIACEAE				
	<i>Gesneriaceae</i> I	109	CEPEC 3485	C	16.02.68
FLORESTA PERENIFÓLIA HIGRÓ-FILA FÁCIES CURURUPE	LEGUMINOSAE				
	<i>Cassia</i> sp.	112	CEPEC 3488	C	16.02.68
	NICTAGINACEAE				
	<i>Nictaginaceae</i> I	114	CEPEC 3490	C	16.02.68
	POLEMONIACEAE				
	<i>Cobaea scandens</i> Cav.	111	CEPEC 3487	C	16.02.68
	ARACEAE				
	<i>Anthurium scandens</i> Engl.	120	CEPEC 3496	D	16.02.68

Quadro 2 - Continuação...

Mata na borda da Lagoa de Itaípe, junto à Fazenda Ponta Grossa	LECITIDACEAE				
	<i>Eschweilera</i> sp.	122	CEPEC 3498	D	16.02.68
	LORANTACEAE				
	<i>Psittacanthus</i> sp.	124	CEPEC 3501	D	16.02.68
	MARCKGRAVIACEAE				
Mata sobre arenito da Formação Sergi (arenito conglomerático no topo da Formação	<i>Marckgravia</i> sp.	121	CEPEC 3497	D	16.02.68
	MUSACEAE				
	<i>Heliconia</i> sp.	118	CEPEC 3494	D	16.02.68
	PIPERACEAE				
	<i>Piper</i> sp.	123	CEPEC 3499	D	16.02.68
	AMARILIDACEAE				
	<i>Amarilidaceae</i> I	80	CEPEC 3471	D	15.02.68
	BROMELIACEAE				
	<i>Aechmea</i> sp.	106	CEPEC 3469	D	15.02.68
	<i>Aechmea lingulata</i> L. B. Smith	105	CEPEC 3467	D	15.02.68
	<i>Aechmea miniata</i> Bak.	102	CEPEC 3468	D	15.02.68

Quadro 2 - Continuação...

	<i>Nidularium</i> sp.	104	CEPEC 3463	D	15.02.68
	<i>Guzmania lingulata</i> var. minor (Mez.) L. B. Smith	103	CEPEC 3464	D	15.02.68
	<i>Vriesea psittacina</i> Lindl.	101	CEPEC 3466	D	15.02.68
	CICLANTACEAE				
	<i>Carludovica</i> sp.	108	CEPEC 3484	D	15.02.68
	<i>Carludovica</i> sp.	107	CEPEC 3473	D	15.02.68
	CYPERACEAE				
	Cyperaceae 1	98	CEPEC 3460	D	15.02.68
	PIPERACEAE				
	<i>Piper</i> sp.	83	CEPEC 3456	D	15.02.68
	RUBIACEAE				
	Rubiaceae 1	92	CEPEC 3461	D	15.02.68
PASTAGEM	GENTIANACEAE				
(Fazenda Ponta Grossa)	<i>Limnanthemum</i> sp.	85	CEPEC 3472	-	15.02.68

OUTRAS PUBLICAÇÕES DA CEPLAC

Boletim Técnico nº 1 - Levantamento detalhado dos solos do Centro de Pesquisas do Cacau.

Boletim Técnico nº 2 - Água subterrânea do Centro de Pesquisas do Cacau.

Revista Cacau Atualidades.

Informes e Relatórios Técnicos da CEPLAC, CEPEC, DEPEX e EMARC.

Brevemente, *Revista Theobroma.*

Tôdas as publicações da CEPLAC são editadas, revisadas, impressas e distribuídas pela DICOM (Divisão de Comunicação), a qual conta com equipamento suficiente e pessoal adequadamente treinado.

Os interessados podem solicitar as nossas publicações, dirigindo-se à DICOM-CEPLAC, Caixa Postal 7 - Itabuna, Bahia, Brasil.

O QUE É A CEPLAC

A Comissão Executiva do Plano de Recuperação Econômico-Rural da Lavoura Cacaueira - CEPLAC - foi criada em 1957 a fim de dar assistência técnica e creditícia aos cacauicultores.

É um órgão federal formado por uma Comissão Executiva (presidida pelo Ministro da Fazenda) que traça as diretrizes, uma Secretaria Geral que as executa com a colaboração de diversos setores auxiliares. Entre estes destacam-se: o Centro de Pesquisas do Cacau - CEPEC - o Departamento de Extensão - DEPEX - o Departamento de Crédito e Incentivos - DECRI - e a Escola Média de Agricultura da Região Cacaueira - EMARC.

O CEPEC está situado no km 26 da rodovia Ilhéus-Itabuna e dedica-se a pesquisas sobre cacau e diversificação de culturas. Conta com o auxílio de diversas outras estações experimentais espalhadas pelas regiões cacaueiras da Bahia, Espírito Santo e Amazônia e de 76 técnicos de nível superior e 17 de nível médio.

O DEPEX está encarregado de levar ao cacauicultor os resultados das pesquisas feitas pelo CEPEC. Dispõe de 30 escritórios locais, 81 agrônomos, 52 técnicos agrícolas e 37 práticos agrícolas, cobrindo um total de 75 municípios.

O DECRI é quem disciplina o empréstimo de recursos materiais e financeiros da CEPLAC ao cacauicultor para a execução das práticas

e construção das instalações recomendadas pelo DEPEX. Conta com cinco Divisões de Crédito e quatro advogados.

A EMARC prepara mão-de-obra especializada (técnicos e práticos agrícolas) para trabalhar tanto na CEPLAC como diretamente nas fazendas.

São inúmeras as realizações da CEPLAC. Entre elas podemos citar:

1. *Descobrimento em janeiro de 1970 da ferrugem do café (Hemileia vastatrix) na região cacauieira, fato que, devido à importância econômica do produto, levou o Governo Federal a tomar sérias providências de controle.*

2. *Financiamentos - Até agosto último foram feitos 7.965 contratos num montante de Cr\$62.867.932,66.*

3. *Revenda de Materiais - Até o momento foram vendidos aos cacauicultores materiais agrícolas no valor de cerca de vinte milhões de cruzeiros.*

4. *Adubação - No corrente ano (1970) já foram adubados 55.000 ha de cacauais. Até meados de novembro já é certo que a prática será estendida a 87.000 ha.*

